

# Comportamento Semanal de Mercado

5 a 12 de julho



## Começando em setembro

Sem considerar os efeitos do atentado político ocorrido no final de semana nos preços dos títulos públicos dos EUA e no mercado de câmbio internacional, o sentimento positivo para a assunção de risco prevaleceu na última semana. O fator que emulou esse processo foi a inflação ao consumidor (CPI) que surpreendeu os analistas, registrando uma deflação de -0,1% em junho. Com a dissipação dos receios levantados com o comportamento desfavorável da inflação no 1T24, o entendimento é de que se constituiu um cenário propício para a convergência inequívoca à meta. Assim, a menos que se tenha uma ocorrência inesperada, dá-se como praticamente certo o início do ciclo de cortes na taxa básica de juros em setembro pelo Federal Reserve (Fed).

Em 12/07, a ferramenta *FedWatch* do CME Group apontava 90,3% de chance, com um corte da taxa básica de juros para a faixa de 5,00% a.a. e 5,25% a.a. (72,2% em 05/07). Para dezembro, a probabilidade de 2 cortes de -0,25 p.p. era de 40,5% (47,5% em 05/07) e de 3 de 50,6% (27,2% em 05/07). Em consonância, o dólar perdeu força no mercado internacional, recuando -0,75% frente a uma cesta de moedas de países desenvolvidos e -0,96% em relação à de países emergentes. Todavia, o real registrou um desempenho aquém da média de seus pares emergentes, apreciando-se 0,57%, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,43. Por sua vez, no mercado de juros futuros, a queda nos prêmios levou a um recuo de -0,13 p.p. na taxa real de juros para 6,96% a.a., ainda em patamar elevado em comparação à taxa neutra estimada pelo Banco Central (BC) de 4,75% a.a..

Abaixo da projeção no Boletim Focus de uma alta de 0,32% e desacelerando de um aumento de 0,46% em mai/24, o IPCA de junho registrou uma elevação de 0,21%. Contudo, pela base estatística, a variação anualizada avançou 3,93% a.a. para 4,23% a.a.. Objeto de preocupação, a inflação de serviços reduziu o seu crescimento de 5,09% a.a. em mai/24 para 4,48% a.a., o menor nível desde set/21. Por sua vez, a média das 5 medidas de núcleo acompanhadas pelo BC manteve-se praticamente estável, aumentando ligeiramente de 3,55% a.a. para 3,58% a.a.. Apesar da surpresa positiva e da dinâmica de preços favorável, o comportamento dos principais indicadores quantitativos e qualitativos da inflação ainda é incapaz de assegurar uma trajetória de convergência à meta.

Dessa forma, o Focus só projeta para maio de 2025 uma queda na taxa Selic No horizonte relevante para política monetária, persiste o movimento de desancoragem nas expectativas inflacionárias, com a projeção do IPCA para 2025 elevando-se de 3,88% para 3,90%. Com o cenário da bandeira amarela na tarifa de energia e do aumento dos preços da gasolina e do gás de cozinha, as estimativas de curto prazo para o IPCA elevaram-se. Com o ajuste da trajetória esperada para a taxa básica de juros, a estimativa do crescimento do PIB para 2025 reduziu-se para 1,97% (2,00% há 4 semanas). Utilizado como indicador antecedente, o IBC-Br elevou-se em 0,25% em maio, desacelerando de 1,78% a.a. em abr/24 para 1,66% a.a., mesmo com a alta surpreendente na margem. O resultado mensal apoiou-se nas elevações de 1,21% no varejo restrito e de 0,77% no ampliado, na relativa estabilidade de -0,03% nos serviços e no recuo de -0,92% na indústria.

Para esta semana, além dos desdobramentos do movimento político nos EUA, destaques para as divulgações do IGP-10 e do monitor do PIB da FGV, além do PIB, produção industrial e vendas no varejo na China, produção industrial e inflação ao consumidor na Zona do Euro e das vendas no varejo, produção industrial e o Livro Bege nos EUA, além da reunião de política monetária do Banco Central Europeu (BCE), que deverá manter seu ciclo de cortes nas taxas de juros referenciais.

## Expectativas

Respondendo parcialmente ao resultado do IPCA de junho aquém do esperado, a mediana das projeções para 2024, no Boletim Focus, recuou na semana de 4,02% para 4,00% (3,96% há 4 semanas). No horizonte relevante para a política monetária, persiste o movimento de desancoragem nas expectativas inflacionárias. Assim, a projeção do IPCA para 2025 elevou-se de 3,88% para 3,90% (3,80% há 4 semanas). Com o cenário da bandeira amarela na tarifa de energia e do aumento dos preços da gasolina e do gás de cozinha, a estimativa para o IPCA de julho passou de 0,19% para 0,23%, para agosto de 0,10% para 0,11%, enquanto para setembro continuou em 0,19%. Para os anos de 2026 e 2027, as medianas mantiveram-se, respectivamente, em 3,60% e 3,50%. Já a inflação para os próximos 12 meses suavizada passou de 3,59% para 3,68% (3,61% há 4 semanas).

No período, houve um aumento de prêmios de riscos na curva da inflação implícita calculada com base nas cotações das negociações das NTN-Bs. Para o prazo de 1 ano, a taxa elevou-se de 4,25% em 05/07 para 4,41% em 12/07, para 2 anos de 4,69% para 4,73% e de 3 anos reduziu-se de 4,98% para 4,96%.

Para a Meta Selic, não houve alterações em relação ao Boletim Focus divulgado na última semana. Para o final de 2024, o indicador continuou em 10,50% a.a. (10,50% a.a. há 4 semanas). Com quedas de -0,25 p.p. em maio, junho, setembro e dezembro, a taxa fecharia o ano de 2025 em 9,50% a.a. (9,50% a.a. há 4 semanas). Já as para o final de 2026 e 2027 permaneceram em 9,00% a.a..

Com a volatilidade recente no mercado de câmbio à vista, a taxa projetada para o término desse ano aumentou de R\$/US\$ 5,20 para R\$/US\$ 5,22 (R\$/US\$ 5,13 há 4 semanas). Para 2025 e 2026, a cotação manteve-se na semana em R\$/US\$ 5,20, enquanto para 2027 variou de R\$/US\$ 5,20 para R\$/US\$ 5,21

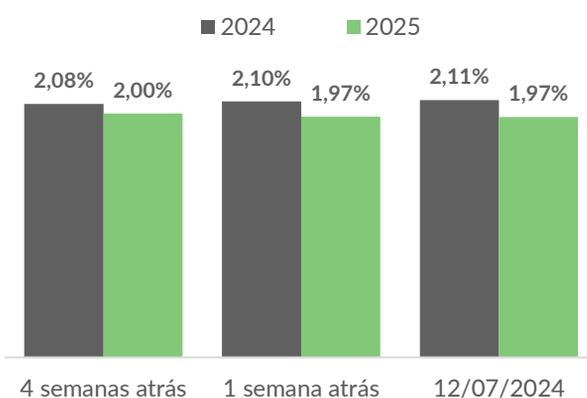
No que tange à expectativa para atividade econômica, houve uma ligeira melhora, com o PIB de 2024 subindo de 2,10% para 2,11%. Para 2025, a estimativa do Boletim Focus continuou com um crescimento de 1,97% (2,00% há 4 semanas), ao passo que para 2026 e 2027, as projeções acomodaram-se em 2,00%.

Ainda com incertezas no que tange à evolução, foram observadas algumas alterações nas estimativas dos números fiscais. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 continuou em -0,70%, para 2025 variou de -0,61% para -0,66%, para 2026 de -0,50% para -0,60%, enquanto a de 2027 manteve-se em -0,50%. No que diz respeito a dívida líquida do setor público, também em relação ao PIB, o indicador variou de 63,85% para 63,70% para 2024 e de 66,40% para 66,00% para 2025. Já para os anos de 2026 e 2027, prosseguiram, respectivamente, em 68,38% e 69,90%.

### IPCA – Quadro Projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	12/07/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
jul/24	0,23	0,19	0,14
ago/24	0,11	0,10	0,10
set/24	0,19	0,19	0,20
2024	4,00	4,02	3,96
2025	3,90	3,88	3,80
2026	3,60	3,60	3,60

### PIB – Mediana das projeções (% a.a.)



## Economia Internacional

De acordo com o Fed, o crédito ao consumidor nos EUA teve crescimento de US\$ 11,3 bilhões em maio, superando a estimativa da FactSet de uma alta de US\$ 8,1 bilhões. Para abr/24, houve uma revisão de um aumento de US\$ 6,4 bilhões para US\$ 6,5 bilhões. Já pelo Departamento do Comércio, os estoques no atacado tiveram uma expansão na margem de 0,6% em maio, com elevação acima da expectativa de avanço de 0,2% do levantamento da FactSet.

Após apresentar estabilidade em mai/24, o CPI surpreendeu os analistas de mercado, registrando uma deflação mensal de -0,1% em junho. Foi a 1ª variação mensal negativa desde mai/20, ainda no início da pandemia da Covid-19. Com a dissipação dos receios levantados com o comportamento desfavorável da inflação no 1T24, parece constituir-se um cenário propício para a convergência inequívoca à meta. Em termos anualizados, o CPI desacelerou de 3,3% a.a. em mai/24 para 3,0% a.a. (3,1% a.a. em jun/23). A medida de núcleo do CPI desacelerou de um aumento na margem de 0,2% em mai/24 para 0,1%, acumulando uma alta de 3,3% a.a. ante 3,4% a.a. em mai/24 (4,9% a.a. em jun/23).

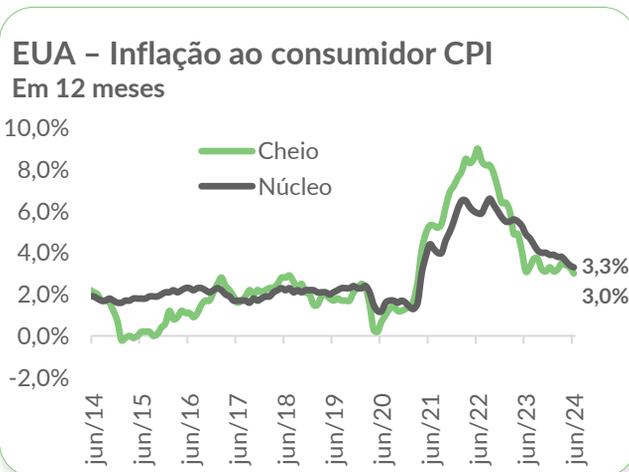
Nos dados qualitativos, persistiu a desaceleração na inflação de serviços, com os grupos relacionados à habitação passando de uma variação mensal de 0,4% para 0,2%. Ademais, o chamado *supercore* de serviços, que exclui habitação, manteve-se estável pelo 2º mês consecutivo. Como destaques houve a queda de -3,8% no preço da gasolina, de -1,5% no preço dos veículos usados e de -0,5% nos itens de transporte.

Nem mesma a alta mensal de 0,2% da inflação no atacado (PPI) em junho, acima do 0,1% projetado pelo *The Wall Street Journal*, esfriou a percepção benigna na dinâmica de preços. A composição do número foi positiva, com a medida de núcleo que exclui os *trade services* passando de 0,2% em mai/24 para 0,0%, acompanhando o arrefecimento do CPI.

Em linha, a pesquisa da Universidade de Michigan mostrou que as expectativas de inflação em 12 meses recuaram de 3,0% a.a. em jun/24 para 2,9% a.a. em julho. Para o horizonte de 5 anos, o indicador também diminuiu de 3,0% para 2,9% a.a. O sentimento do consumidor recuou de 68,2 em jun/24 para 66,0 em julho, abaixo do consenso de 68,5 do *The Wall Street Journal*. Os dados são consistentes com um crescimento moderado e sustentado nos gastos dos consumidores.

Por outro lado, apesar da elevação na taxa de desemprego em junho, os pedidos de seguro-desemprego apontaram para um mercado de trabalho ainda aquecido. Na semana encerrada em 06/07, os pedidos de seguro-desemprego foram de 222 mil, caindo -17 mil frente à semana anterior e abaixo dos 236 mil esperados pelo *The Wall Street Journal*. Ademais, a média móvel de 4 semanas fechou em 233,5 mil pedidos, o que representou uma diminuição de -5,3 mil pedidos em relação à semana anterior.

Por fim, na China, a inflação ao consumidor, medida pelo CPI, avançou 0,2% a.a. em junho ante o 0,4% a.a. esperado, segundo o *The Wall Street Journal*. O resultado ficou abaixo da alta de 0,3% a.a. observada em mai/24. Ainda em junho, a inflação no atacado (PPI) indicou deflação pelo 21º mês consecutivo, com queda de -0,8% a.a. ante -0,2% a.a. em mai/24 e -0,7% a.a. previsto pelo mercado. Os dados do PIB do 2T24 mostraram desaquecimento da atividade, com a alta interanual saindo de 5,3% no 1T24 para 4,7%, frustrando as expectativas de um avanço de 5,1%. O cenário evidencia uma demanda persistentemente fraca, apesar dos esforços do governo para estimular o consumo, além da crise no setor imobiliário. Apenas indústria e as exportações mostram números positivos, beneficiados pelos estímulos governamentais.



Fonte: U.S. Bureau of Labor Statistics . Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

Com as informações disponibilizadas propiciando uma percepção favorável para o balanço de riscos para a inflação nos EUA, o sentimento positivo voltou a prevalecer na última semana.

Em sabatina no Senado, o presidente do Fed, Jerome Powell, afirmou acreditar que a inflação esteja convergindo à meta de 2,0%. Também chamou a atenção as declarações sobre regulação bancária, além de mencionar os riscos de manter os juros elevados por muito tempo para a atividade econômica e o mercado de trabalho, levando o mercado enxergar o posicionamento mais inclinado ao afrouxamento monetário, ainda pregando cautela e que qualquer decisão será tomada com base na divulgação dos indicadores.

A menos que se tenha uma ocorrência que contrarie as expectativas, os investidores praticamente dão como certo o início do ciclo de cortes na taxa básica de juros na reunião de setembro. Na sexta-feira (12/07) a ferramenta *FedWatch* do CME Group apontava 90,3% de chance do início da flexibilização na reunião de setembro, com um corte da taxa básica de juros para a faixa de 5,00% a.a. e 5,25% a.a. (72,2% em 05/07). Até o encontro de dezembro, a probabilidade de 2 cortes de -0,25 p.p. era de 40,5% (47,5% em 05/07), enquanto a de 3 era de 51,0 50,6% (27,2% em 05/07).

Com a aposta majoritária de 3 cortes de -0,25 p.p. em 2024, o rendimento do *treasury* de 2 anos - mais sensível à política monetária do que os títulos longos - reduziu-se em -0,15 p.p. para 4,45% a.a., o menor nível desde mar/23. A rentabilidade dos títulos de 5 anos diminuiu em -0,12 p.p. para 4,10% a.a. e a do de 10 anos em -0,10 p.p. para 4,18% a.a.. Refletindo as preocupações com as eleições presidenciais, o retorno do título de 30 anos apresentou uma queda de apenas -0,08 p.p. para 4,39% a.a., elevando a inclinação da curva de juros.

Em linha com a menor aversão ao risco, as principais bolsas internacionais registraram ganhos na semana, com altas de 1,59% no Dow Jones, de 0,87% no S&P 500, de 0,25% na Nasdaq, de 1,48% no DAX 40, de 0,60% no FSTE 100, de 0,68% no Nikkei 225 e de 0,72% em Xangai.

Entretanto, essa melhora não foi o suficiente para segurar as cotações das *commodities*, com o preço da saca de soja na bolsa de Chicago recuando -4,54% e a cotação do minério de ferro em Qingdao caindo -1,35%. Com queda de -1,74%, o preço do barril de petróleo tipo Brent fechou a semana em US\$ 85,03, a despeito da queda dos estoques nos EUA, na semana anterior, e da perda de valor do dólar, que impactam positivamente o preço da *commodity*.

Mantendo a trajetória de diminuição nos prêmios de riscos dos ativos locais, o Ibovespa encerrou a semana com uma elevação de 2,08%, acumulando 10 sessões consecutivas de alta, voltando ao patamar dos 128 mil pts., beneficiada por ações de empresas mais sensíveis à taxa de juros - com a queda nas taxas futuras - e pela Petrobrás, após anunciar reajustes nos preços da gasolina e do gás de cozinha, reduzindo a diferença entre o preço praticado no exterior. Ainda na semana, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -11,47 bps. para 146,41 bps., porém, ainda acumulando um crescimento de 13,97 bps. no ano.

### Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	12/07/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	128.897	2,08%	7,47%	8,08%
Nasdaq	18.398	0,25%	4,49%	30,13%
S&P	5.615	0,87%	3,58%	24,51%
Dow Jones	40.001	1,59%	3,33%	16,30%
FTSE 100	8.253	0,60%	0,46%	10,92%
DAX 40	18.748	1,48%	0,63%	16,15%
Nikkei 225	41.191	0,68%	5,95%	27,06%
Xangai	2.971	0,72%	-2,18%	-8,19%

### T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



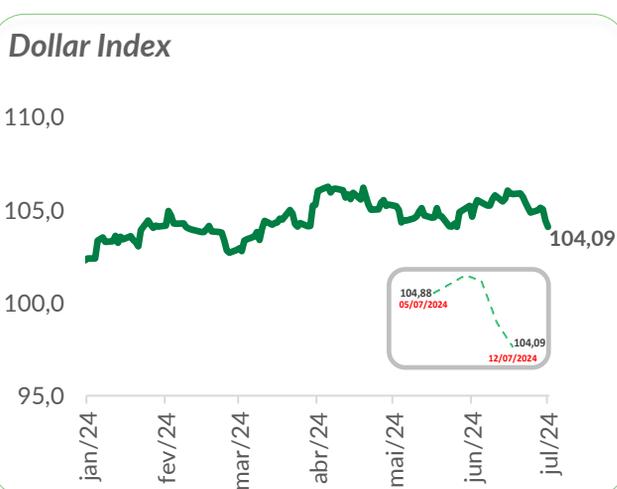
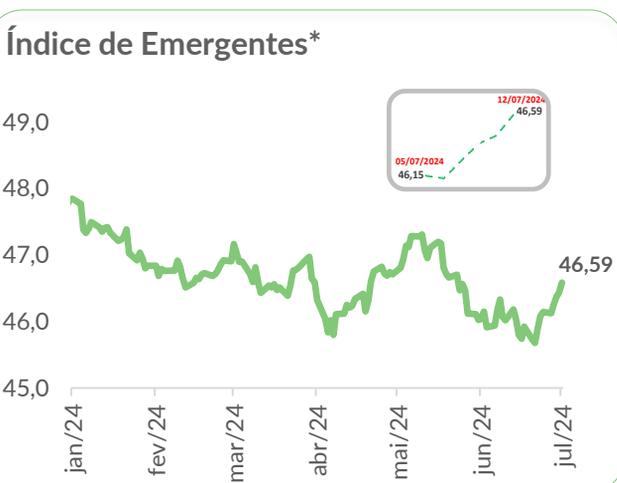
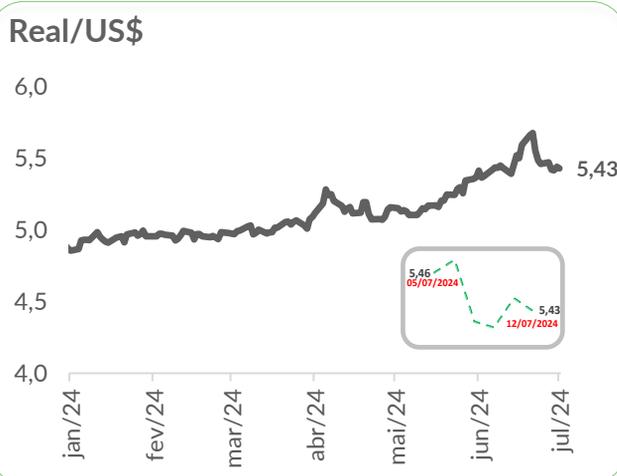
## Câmbio

Com os dados mais positivos da inflação nos EUA, o dólar reverteu a trajetória de alta constatada no início da semana. Após alcançar 105,13 pts. na terça-feira (09/07), o *Dollar Index*, que mede o desempenho do dólar frente às de países desenvolvidos, registrou uma queda de -0,75% para 104,09 pts., refletindo as apreciações de 1,33% na libra esterlina e de 0,61% no euro.

Em consonância, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,96% no período, com destaques para as apreciações de 3,97% no peso colombiano, de 2,69% no peso mexicano, de 1,25% no rand sul-africano e de 0,05% no rublo russo, além das depreciações de 0,40% no peso argentino e de 0,05% na rúpia indiana.

Apesar de manter sua tendência de apreciação, o real fechou a semana com um desempenho aquém da média de seus pares emergentes, apreciando-se 0,57%, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,43. No mês, o real acumulou uma apreciação de 2,95%, mas ainda assim, uma depreciação de 11,88% no ano. Na semana, o BC manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 02/09/2024.

O mercado de câmbio ficou negativo em US\$ 840 milhões entre os dias 01 e 07 de julho, refletindo um fluxo negativo de US\$ 1,5 bilhão no segmento financeiro e um fluxo positivo de US\$ 625 milhões no comercial. Por fim, o fluxo cambial acumulou no ano um saldo positivo de US\$ 10,8 bilhões.



\*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

\*\*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

## IPCA – Jun/24

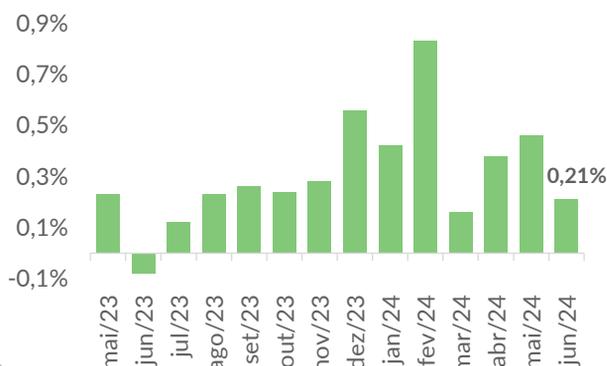
Abaixo da projeção no Boletim Focus de uma alta de 0,32% e desacelerando do aumento de 0,46% em mai/24, o IPCA de junho registrou uma elevação de 0,21%. Contudo, por causa da saída da base do 0,12% ocorrido em jun/23, a variação anualizada avançou de 3,93% a.a. para 4,23% a.a..

A surpresa positiva adveio da melhora não antecipada dos preços de alimentos in natura. Em junho, 7 dos 9 grupos de produtos e serviços pesquisados apresentaram desaceleração: alimentação e bebidas (de 0,62% para 0,44%); habitação (de 0,67% para 0,25%); vestuário (de 0,50% para 0,02%); transportes (de 0,44% para -0,19%); comunicação (0,14% para -0,08%); saúde e cuidados pessoais (0,69% para 0,54%); e educação (0,09% para 0,06%). Já os artigos de residência (de -0,53% para 0,19%) e despesas pessoais (de 0,22% para 0,29%) intensificaram o ritmo de alta.

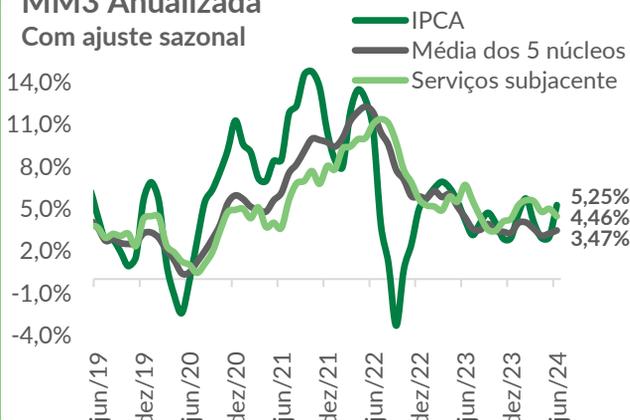
Objeto constante de preocupação, a inflação de serviços desacelerou o seu crescimento de 5,09% a.a. em mai/24 para 4,48% a.a., o menor nível desde set/21. Por sua vez, a média das 5 medidas de núcleo acompanhadas pelo BC aumentou de 3,55% a.a. para 3,58% a.a., a dos preços livres 3,19% a.a. para 3,49% a.a.. Nas medidas subjacentes, as variações foram de 1,70% a.a. para 2,02% a.a. na alimentação no domicílio, de 4,78% a.a. para 4,45% a.a. nos serviços e de 1,09% a.a. para 1,14% a.a. nos bens industriais. Números mais desfavoráveis foram observados na média móvel trimestral (MM3) anualizada da série dessazonalizada, com o indicador passando de 2,98% a.a. em mai/24 para 5,25% a.a. em junho (4,19% a.a. em jun/23).

Apesar da surpresa e da dinâmica de preços favorável, o comportamento dos principais indicadores quantitativos e qualitativos ainda é incapaz de assegurar uma trajetória de convergência à meta de inflação de 3,0% no horizonte relevante para política monetária. Como fator complicador no curto prazo, pode-se enumerar o recente aumento nos preços da gasolina e do gás de cozinha.

### Varição Mensal Com ajuste sazonal



### MM3 Anualizada Com ajuste sazonal



### Varição Anual



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

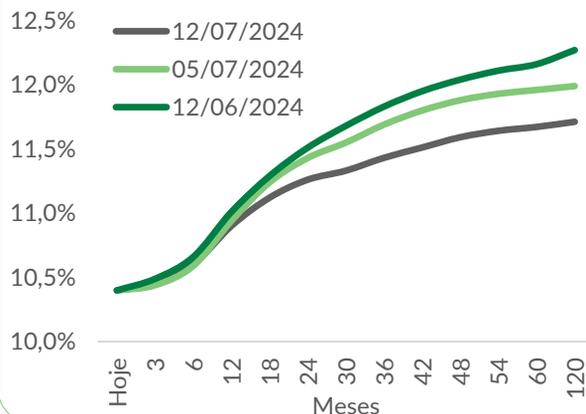
Em consonância à diminuição nos prêmios de riscos dos ativos domésticos, houve quedas nas taxas de todos os vértices que compõem a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ), com os prazos mais curtos refletindo o IPCA de junho abaixo do esperado e os longos acompanhando o movimento do exterior.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 1 ano caiu de 10,94% a.a. para 10,90%, a de 2 de 11,43% a.a. para 11,26%, a de 3 de 11,69% a.a. para 11,43%, a de 4 de 11,88% a.a. para 11,59%, a de 5 de 11,96% a.a. para 11,67% e a de 10 anos saiu de 11,99% a.a. para 11,71%.

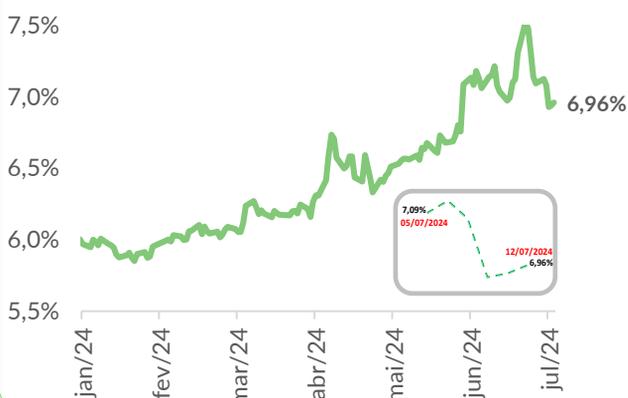
A alta de 0,09 p.p. na semana da inflação esperada para os próximos 12 meses para 3,68%, conjuntamente com a queda na taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias, levaram a taxa real de juros *ex-ante* para 6,96% a.a., o que representou uma queda de -0,13 p.p. no período. Entretanto, o indicador ainda encontra-se em patamar contracionista quando comparado com os 4,75% a.a. considerado como neutro pelo BC.

Por fim, a inclinação da ETTJ calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, apresentou uma retração de -0,24 p.p. na semana para 0,81 p.p., mantendo sua trajetória cadente. Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, caiu 0,20 p.p. no período para 0,84 p.p..

### Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



### Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



### Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

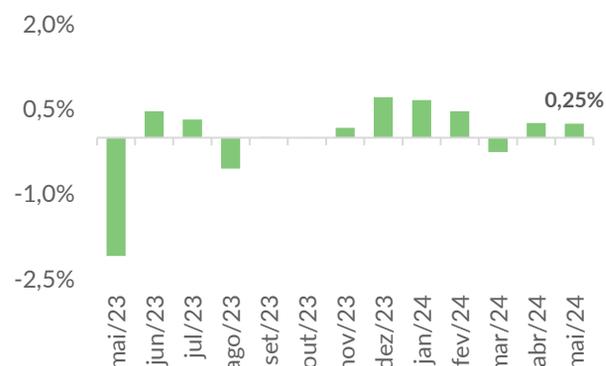
## IBC-Br - Mai/24

Utilizado como indicador antecedente do PIB, o IBC-Br do BC registrou uma alta de 0,25% em maio, na série livre de influências sazonais. O indicador atingiu 149,6 pontos, o maior nível da série histórica. O número ficou abaixo da expectativa mediana de levantamento realizado pelo Valor Data, que apontava um aumento de 0,30%. Contudo, houve uma revisão para cima da série, o resultado de abr/24 passou de 0,01% para 0,26%, o de mar/24 de -0,36% para -0,25%, o de fev/24 de 0,36% para 0,46% e o de jan/24 de 0,60% para 0,66%.

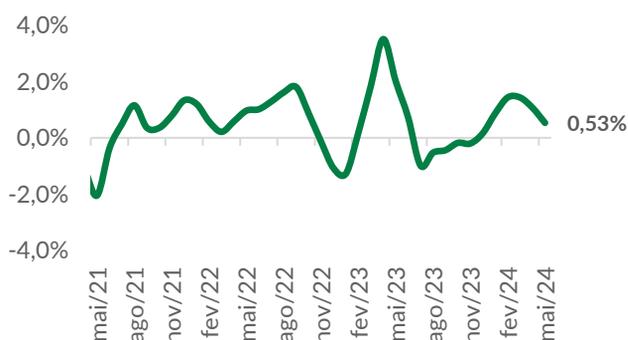
O resultado na margem refletiu o avanço de 1,21% no volume do comércio restrito (0,77% no ampliado), além das quedas de -0,03% em serviços e de -0,92% na produção industrial.

Ainda na série dessazonalizada, o indicador apontou crescimento de 0,53% no trimestre encerrado em maio, ante uma alta de 1,06% no período encerrado em abr/24. Levando-se em conta a variação do acumulado em 12 meses, o IBC-Br apresentou uma alta de 1,66% a.a. em mai/24, contra 1,78% a.a. em abr/24 (3,35% a.a. em mai/23). O carregamento estatístico para o 2T24 é de 0,41% e para 2024 de 1,86%.

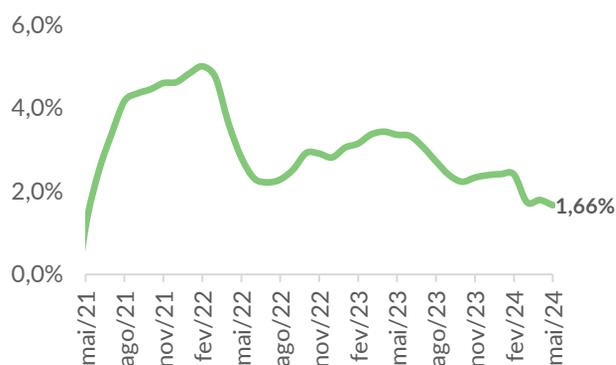
**Varição Mensal**  
Série com ajuste sazonal



**Varição Trimestral**  
Com ajuste sazonal



**Varição Anual**  
Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

## Pesquisa Mensal do Comércio- Mai/24

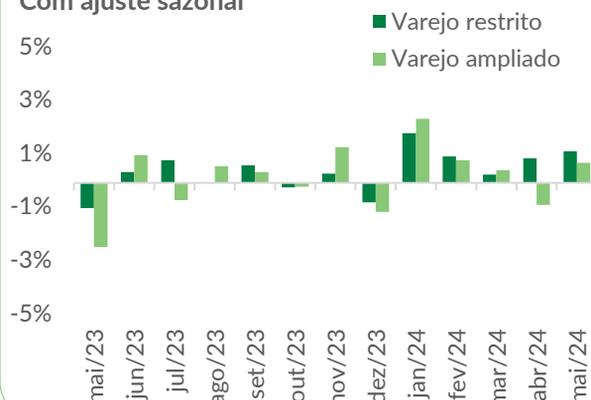
Após uma alta de 0,94% em abr/24, as vendas no varejo restrito cresceram 1,21% em maio, na série livre de influências sazonais. A 5ª alta mensal consecutiva foi fortemente influenciada pelo aumento das concessões de crédito para as pessoas físicas, crescimento da massa de rendimento salarial e do número de pessoas ocupadas. Adicionalmente, a variação superou em muito as expectativas do levantamento do *London Stock Exchange Group* (LSEG) que estimavam uma queda de -0,90%. No acumulado em 12 meses, a expansão do indicador acelerou de 2,65% a.a. em abr/24 para 3,40% a.a. (0,83% a.a. em mai/23).

Analisando suas classes de atividades, 5 de 8 apontaram um acréscimo em maio, com destaque para tecidos, vestuários e calçados (2,04%). A maior queda na margem foi em material para escritório (-8,50%). Como resultado da diminuição da atividade de transporte no sul do país, ainda em decorrência das enchentes, as vendas no segmento de combustíveis e lubrificantes apresentaram também significativa retração (-2,49%).

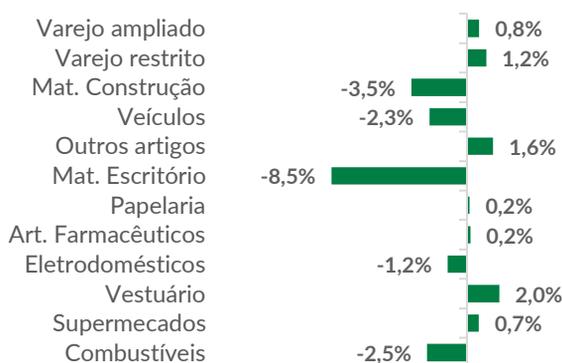
No comércio varejista ampliado, que inclui veículos, materiais de construção e atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo, observou-se uma alta de 0,77% ante uma queda de -0,84% em abr/24 (-2,46% em mai/23). Assim, a taxa de crescimento no acumulado em 12 meses passou de 3,28% a.a. em abr/24 para 3,69% a.a. (-0,35% a.a. em mai/23).

Por fim, a variação da média móvel trimestral (MM3) do comércio restrito acelerou de 2,57% em abr/24 para 2,67%, enquanto a do comércio ampliado reduziu-se de 2,17% para 1,57%. O resultado do mês deixou um carregamento estatístico para o 2T24 de 2,31% no varejo restrito e de 0,28% no ampliado.

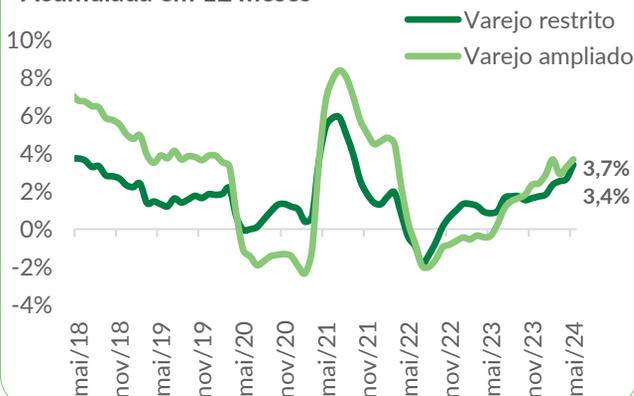
### Varição Mensal Com ajuste sazonal



### Varição Mensal Por segmento



### Varição Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

## Pesquisa Mensal de Serviços – Mai/24

Após as altas de 0,33% em abr/24 e de 0,64% em mar/24, o volume de serviços prestados apresentou uma ligeira redução de -0,03% em maio, na série livre de influências sazonais. Entretanto, o resultado veio acima da mediana da estimativa indicado pelo Valor Data, de uma queda de -0,7%. Com isso, o indicador se mantém 12,73% acima do patamar pré-pandemia (fev/20).

Entre os 5 grupos de atividades de serviços, as variações foram de: 3,05% para prestados às famílias; -1,14% em informação e comunicação; 0,46% em profissionais, administrativos e complementares; -1,57% em transportes, auxiliares aos transportes e correios; e -1,61% em outros.

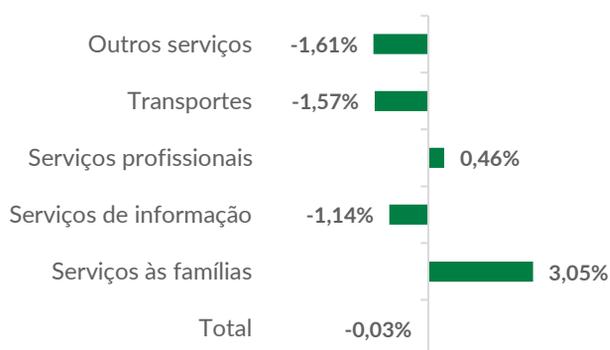
Considerando-se a variação do acumulado em 12 meses, o volume de serviços desacelerou de 1,65% a.a. em abr/24 para 1,29% a.a. (6,43% a.a. em mai/23). Entre as atividades, somente a de transportes indicou uma taxa negativa de -1,58% a.a. (+9,41% a.a. em mai/23). O destaque ficou para a alta de 4,58% a.a. nos serviços prestados às famílias (12,00% a.a. em mai/23).

Por fim, a variação na média móvel trimestral (MM3) avançou de 0,20% em abr/24 para 0,47%. Desta forma, deixa um carrego estatístico de 0,49% para o 2T24, contudo é provável uma perda de força no setor, influenciada, principalmente, pelas enchentes no Rio Grande do Sul (RS).

### Variação Mensal Com ajuste sazonal



### Variação Mensal Por segmento



### Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

## IC-Br – Jun/24

Construído com base nos preços em reais das *commodities* agrícolas, metálicas e energéticas, o Índice de *Commodities* do Banco Central (IC-Br) subiu 5,51% em junho, após recuar -0,85% em mai/24, passando de 387,71 pts. para 409,07 pts.. O resultado mensal decorreu da alta de 6,29% em agropecuária (-2,03% em mai/24), 6,05% em energia (-2,39% em mai/24) e de 1,82% em metal (5,57% em mai/24).

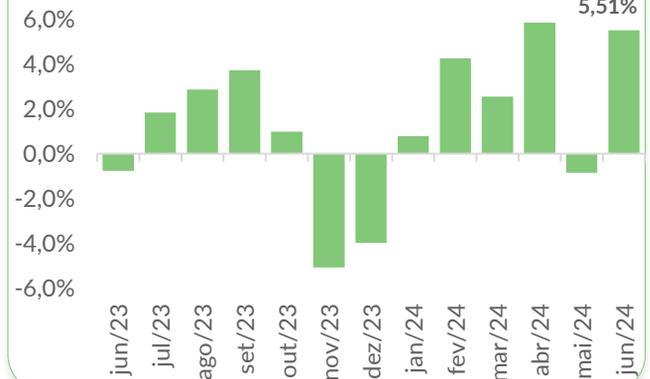
Constituindo-se um fator de pressão para a inflação, o indicador mostrava uma elevação de 19,33% a.a. ante 12,23% a.a. em mai/24 (-19,91% a.a. em jun/23). O maior impulso adveio do aumento de 28,33% a.a. no grupo das *commodities* metálicas (-16,46% a.a. em jun/23), refletindo, em partes, o aumento da poupança em ouro no mercado asiático.

De acordo com o BC, a seca na Rússia afetando o trigo, a quebra de safra no Brasil impactando o suco de laranja, o efeito da seca do Vietnã no café e o das chuvas excessivas na Costa do Marfim no cacau, levaram as *commodities* agropecuárias a apresentarem uma alta de 16,43% a.a. (-6,70% a.a. em jun/23).

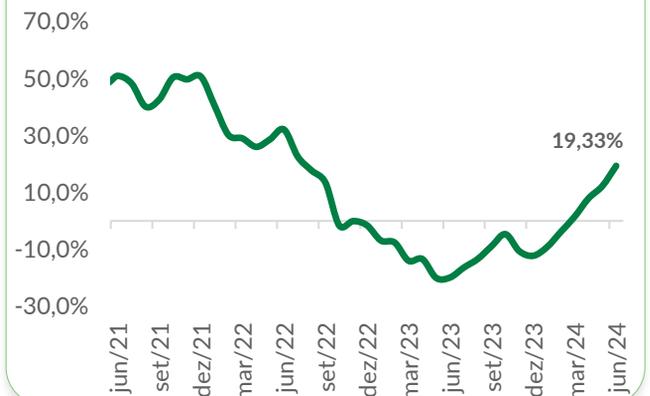
Por sua vez, as energéticas subiram 21,66% a.a. (-49,69% a.a. em jun/23), devido à alta do gás natural, decorrente de um aumento da demanda nos Estados Unidos.

Por fim e com comportamento similar, o índice do *Commodity Research Bureau* (CRB), que é baseado no mercado à vista e medido em dólares, subiu 4,64% na margem em junho e 9,92% em 12 meses, alcançando 425,66 pts. contra 406,77 pts. no mês anterior.

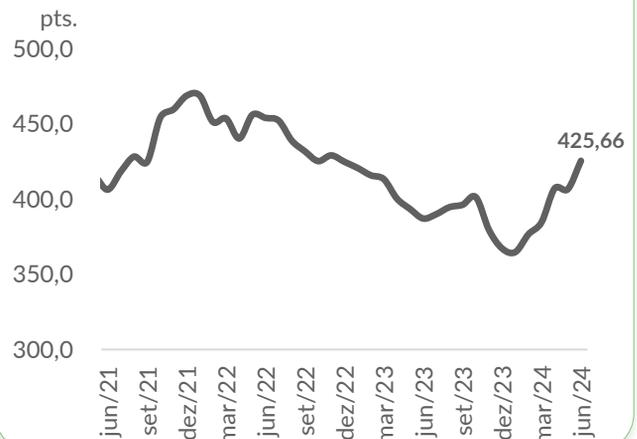
### Índice Composto Variação mensal



### Índice Composto Variação anual



### Índice CRB\*



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,3
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,0
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,4
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
<b>Setor Externo e Câmbio</b>										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,9
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,20
<b>Fiscal</b>										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,2
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



## Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -  
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688